



DEPARTAMENTO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO • ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

cepea@esalq.usp.br • <http://cepea.esalq.usp.br>

Piracicaba, 18 de janeiro de 2006.

PRIMEIRAS ANÁLISES DOS ÍNDICES LANÇADOS PELO CEPEA

Em 2005, a conjuntura macroeconômica do agronegócio foi marcada por dois fenômenos aparentemente contraditórios: elevação das exportações e valorização cambial. Note-se, porém, que o aumento das exportações respondeu basicamente ao crescimento da economia mundial, muito superior ao crescimento da economia brasileira e à intensificação do comércio internacional – fatores que compensaram a taxa de câmbio valorizada.

De janeiro a dezembro de 2005, as exportações do agronegócio cresceram 11,64% (valor exportado) em relação ao ano anterior, mesmo com uma valorização da taxa de câmbio efetiva real (de toda a economia) de 17,2%.

O Índice de Câmbio (IC-Agro/Cepea) depende de estatísticas de vários países que ainda não divulgaram suas informações de dezembro. De outubro para novembro, o IC-Agro/Cepea teve uma valorização de 3,98%, ou seja, o exportador brasileiro recebeu, em novembro, 3,98% menos em moeda nacional que em outubro.

Por outro lado, o Índice de Preços de Exportação do Agronegócio teve aumentos em vários meses de 2005, mas fechou o mês de dezembro com retração 2,19%. A partir dos índices/Cepea, observa-se que o movimento desfavorável da taxa de câmbio para as exportações foi compensado, em parte, ao longo de 2005, pelo aumento dos preços em dólar. No entanto, esse movimento dos preços não foi suficiente para reverter o impacto negativo sobre a atratividade das exportações para o setor.

O Indicador de Atratividade das Exportações do Agronegócio mostra uma redução de 2,77% em outubro e de 1,06% em novembro. Em outras palavras, exportar, em novembro continuou desinteressante para os brasileiros, mas um pouco menos que em outubro. A ligeira melhora da situação em novembro decorre do aumento expressivo de preços (IPE-Agro/Cepea) em novembro, com variação positiva de 3,05%. Pode-se concluir que a valorização cambial tem sido excessiva, ao ponto de não ser compensada pela evolução dos preços dos produtos exportados pelo agronegócio brasileiro. Persistindo esse quadro de valorização cambial, é possível que em 2006 haja impactos sobre as exportações do setor, o que não seria desejável para o desempenho do segmento externo da economia brasileira.

MACRO: Aumento de 10% do câmbio eleva em 4,5% exportações do agronegócio

Piracicaba, 18.01.2006

O Cepea lança, nesta quarta-feira, 18, quatro índices macroeconômicos para o agronegócio brasileiro:

- Índice de Preços de Exportação do Agronegócio (IPE-Agro/Cepea),
- Índice da Taxa Efetiva de Câmbio do Agronegócio Brasileiro (IC-Agro/Cepea),
- Índice de Atratividade das Exportações do Agronegócio (IAT-Agro/Cepea) e
- Índice de Volume de Exportação do Agronegócio (IVE-Agro/Cepea).

Nas primeiras análises, o Cepea estima que uma desvalorização de 10% da taxa de câmbio efetiva do agronegócio pode afetar positivamente, depois de 7 meses, as exportações brasileiras do setor na ordem de 4,5%. Em relação ao índice de preços de exportação, estima-se o mesmo efeito positivo, mas esse efeito é mais rápido e de magnitude maior. De 1 a 3 meses, dado um aumento de 10% no índice de preços de exportação, espera-se que as exportações do agronegócio aumentem em torno de 5,6%.

O índice de atratividade das exportações, que é uma combinação de preços e taxa de câmbio, afeta as exportações com uma defasagem de 3 meses. As estimativas iniciais do Cepea apontam que, para um aumento de 10% no índice de atratividade, as exportações do agronegócio devem aumentar em 2,5% em um prazo de 3 meses



DEPARTAMENTO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO • ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

cepea@esalq.usp.br • <http://cepea.esalq.usp.br>

Piracicaba, 18 de janeiro de 2006.

EXPORTAÇÕES AGROBRASILEIRAS: Índices Cepea de desempenho do agronegócio

O agronegócio representa quase 40% de toda a exportação do Brasil. Mas, como entender melhor o desempenho das vendas externas deste setor?

A resposta do Cepea a esta questão se apresenta por meio de quatro índices inéditos para o agronegócio:

- Índice de Preços de Exportação do Agronegócio (IPE-Agro/Cepea),
- Índice da Taxa Efetiva de Câmbio do Agronegócio Brasileiro (IC-Agro/Cepea),
- Índice de Atratividade das Exportações do Agronegócio (IAT-Agro/Cepea) e
- Índice de Volume de Exportação do Agronegócio (IVE-Agro/Cepea).

Em conjunto, esses índices preenchem uma importante lacuna para os estudos, proporcionando análises mais refinadas do agronegócio. Até então, não se tinha nenhum índice agregado de preços de exportação dos produtos agropecuários nem de quantidade. Em relação ao câmbio, as análises do setor levavam em conta a taxa geral da economia brasileira, diminuindo a precisão das pesquisas setoriais. Paralelamente a esses Índices agregados do Agronegócio, o Cepea está desenvolvendo cálculos SETORIAIS. O objetivo é criar novos Índices de preço e volume para os principais setores do agronegócio. Por enquanto, os trabalhos já começaram para leite, café, carne bovina, suína e de frango.

CENÁRIO INTERNACIONAL

Antes de examinarmos esses índices, vale a pena tomar conhecimento de duas importantes variáveis que afetam o comércio internacional: o PIB mundial e a taxa de juros de curto prazo – na Figura 1, representada pela taxa das Notas do Tesouro dos EUA. Notamos que os anos 1990 caracterizaram-se por um padrão em que a taxa de juros acompanhava a tendência do PIB mundial. A queda deste até 1993 é acompanhada por queda dos juros. A recuperação do PIB de 1994 a 2000, igualmente, foi acompanhada de perto pela taxa de juros. Esse é um padrão típico dos bancos centrais que tentam evitar o crescimento inflacionário respondendo à expansão econômica com aumentos dos juros, e vice-versa. Somente no final do período, esse padrão é rompido: o maior crescimento internacional não é acompanhado pela alta nos juros, provavelmente porque grande parte desse crescimento recente se concentre nos países asiáticos e emergentes (com exceção do Brasil).

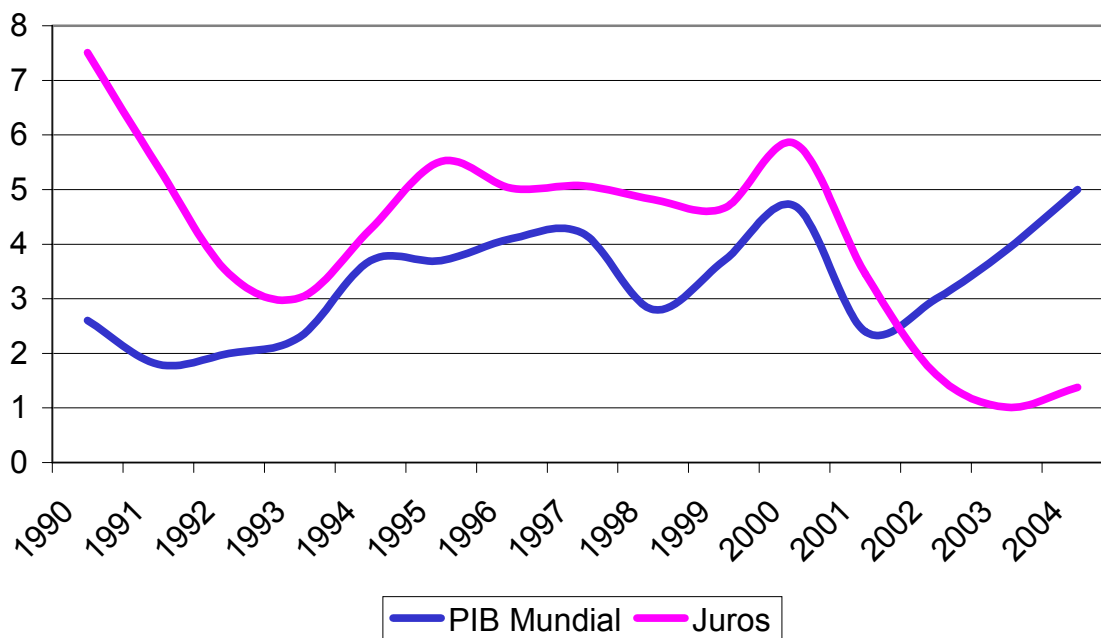
No contexto do comércio de produtos do agronegócio, é de se salientar os papéis relevantes do PIB e da taxa de juros internacionais. Um crescimento do PIB é em geral acompanhado por um crescimento da demanda por produtos do agronegócio, especialmente nos países em desenvolvimento e emergentes. Quanto à taxa de juros, ela desempenha um papel duplo. Por um lado, afeta o custo de oportunidade dos estoques de tal forma que uma elevação dos juros leva à desova de estoques e à queda de preços.

Piracicaba, 18 de janeiro de 2006.

Por outro lado, a taxa de juros tende a influenciar os mercados de capitais com conseqüentes efeitos sobre as taxas de câmbio: um país cuja taxa de juros se eleva tende a ter seu câmbio valorizado.

Assim, se a taxa de juros sobe nos EUA, o dólar tende a valorizar-se e os demais países encontrarão mais dificuldades na compra de produtos do agronegócio, geralmente cotados em dólar. Ou seja, nesse exemplo, uma elevação – não acompanhada por outros países - nos juros americanos tem duplo efeito sobre os preços dos produtos: baixa o preço tanto pela desova de estoques como pela queda da demanda por parte de outros países.

Figura 1. Taxas de Crescimento do PIB Mundial e das Taxas de Juros das Notas do Tesouro dos EUA (%) – 1990-2004



Fonte: FMI/IFS; Elaboração: Cepea

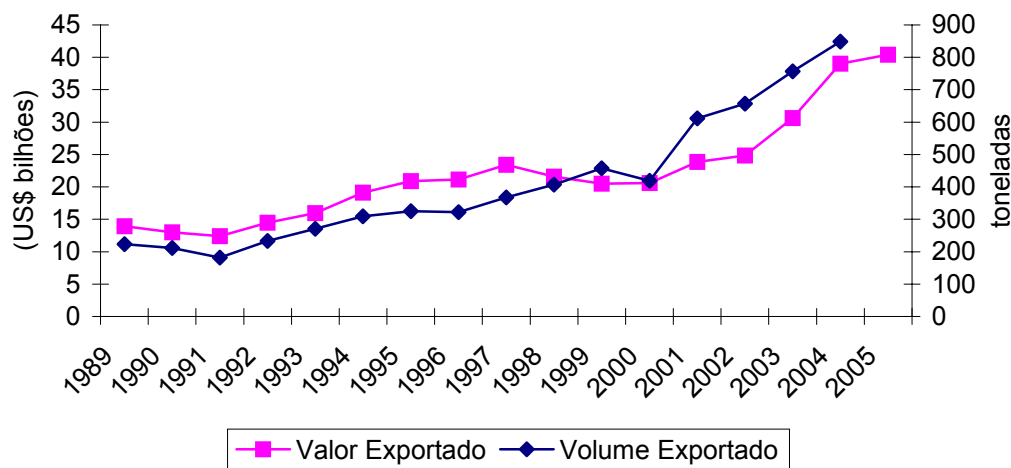
Piracicaba, 18 de janeiro de 2006.

PADRÃO DE CRESCIMENTO

O agronegócio brasileiro tem apresentado excelente desempenho exportador desde o início da década de 1990. Em 15 anos, as exportações anuais do agronegócio cresceram cerca de 170% ou 6,8% ao ano - em dólar (Figura 2). Num exame mais detalhado, nota-se que há duas mudanças importantes no período: de 1989 até 1997 e de 2000 em diante. No primeiro subperíodo, as exportações cresceram a uma taxa de 6% ao ano. No segundo, o crescimento foi de 19% ao ano, caracterizando uma aceleração marcante nas exportações.

Em princípio, o valor em reais das exportações do agronegócio pode variar porque os preços que recebemos por nossos produtos estão variando e/ou porque o volume exportado está variando. Por sua vez, o valor em reais recebido depende, de um lado, do preço em dólares de nossos produtos e, de outro, da taxa de câmbio que converte esses preços em reais.

Figura 2 . Exportações Anuais do Agronegócio, Brasil, 1989-2005 (em US\$ bilhões)
Volume Exportado (toneladas).



Fonte: Secex; Elaboração: Cepea-Esalq/USP



DEPARTAMENTO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO • ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

cepea@esalq.usp.br • <http://cepea.esalq.usp.br>

Piracicaba, 18 de janeiro de 2006.

NOVOS ÍNDICES DE EXPORTAÇÃO DO AGRONEGÓCIO

O CEPEA desenvolveu um conjunto de índices destinados à análise da evolução desse valor. Para esses Índices, foram coletados, nesta primeira etapa, cerca de 1,5 milhão de dados do sistema AliceWeb, da Secex, e dezenas de outras nas páginas eletrônicas do FMI, do Banco Central do Brasil, do IPEA e nos sites oficiais de estatísticas dos países de maior corrente de comércio de produtos do agronegócio com o Brasil.

A partir da estruturação dos Índices, cerca de 41 mil dados são coletados e analisados mensalmente. Os novos índices são de duas naturezas:

(a) de valor e (b) de volume ou quantidade.

Os três índices de valor são:

- **Índice de Preços de Exportação do Agronegócio (IPE-Agro/Cepea)**, referente à evolução dos preços em dólares por quilograma líquido;
- **Índice da Taxa Efetiva de Câmbio do Agronegócio Brasileiro (IC-Agro/Cepea)**, que acompanha a taxa de câmbio efetiva de exportação de produtos do agronegócio;
- **Índice de Atratividade das Exportações do Agronegócio (IAT-Agro/Cepea)**, que mede a atratividade (em reais) das exportações, ou seja, dado o preço em dólares e a taxa de câmbio, o quanto é atrativo exportar.

Há, ainda, um índice de volume exportado, que é o

- **Índice de Volume Exportado do Agronegócio (IVE-Agro/Cepea)**, refere-se ao quantum exportado a preços constantes.

DIVULGAÇÃO

A política de divulgação dos novos Índices de Exportação Agro do Cepea é pautada pela máxima atualização possível. Isso significa que, tão logo as instituições oficiais que fornecem dados para os cálculos atualizem suas bases, o Cepea processará tais informações e divulgará as edições mensais dos índices. Por esse motivo, eles não devem ser divulgados em conjunto. O Índice de Câmbio (IC-Agro/Cepea), por exemplo, depende de atualizações das taxas de câmbio e de inflação nos sites oficiais de estatística dos países com maior corrente de comércio agropecuário com o Brasil e, deste modo, o índice de atratividade também. Os outros dois índices dependem basicamente das atualizações do sistema AliceWeb, da Secex.

Piracicaba, 18 de janeiro de 2006.

IPE-AGRO/CEPEA – Índice de Preços de Exportação do Agronegócio

Este índice considera os preços em dólares das exportações do agronegócio brasileiro. Ele refere-se aos preços FOB (incluem custos de transporte até o navio que segue para o país importador) unitários recebidos pelos exportadores por categoria de produto. O acompanhamento desse índice é essencial para quem deseja analisar as razões para as variações no volume de exportações do agronegócio. No cálculo do IPE-Agro/Cepea utilizam-se informações de exportações do sistema MDIC/Aliceweb (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – Sistema Aliceweb) a partir de 1989.

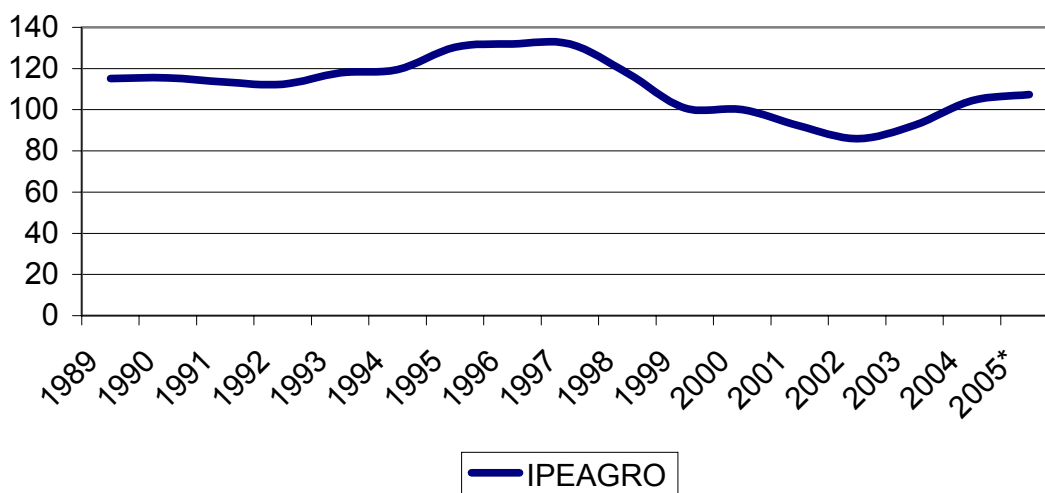
Os preços dos produtos individuais foram ponderados pela sua importância relativa no período de 2000 a 2004. Foram considerados os setores classificados como componentes do agronegócio pelo Cepea no cálculo do PIB do setor, incluindo:

(a) os fatores de produção (fertilizantes, defensivos, máquinas e implementos agrícolas, tratores), (b) a agropecuária, subdividida em produtos agrícolas (incluindo gomas e resinas de origem vegetal) e produtos de origem animal (incluindo pescados e moluscos) e, (c) as agroindústrias, subdividido em agroindústria 1 (indústria de alimentos, bebidas, fumo, gorduras e óleos e ceras animais e vegetais), agroindústria 2 (peles, couros, fibras, fios e tecidos naturais) e borracha natural, madeira e celulose.

Na Figura 3, observa-se que o IPE-Agro/Cepea manteve-se num dado patamar até 1994 e, a seguir, experimentou uma elevação de cerca de 15%. De 1998 até 2002, há uma queda substancial – de cerca de 40%. É interessante notar que a estagnação no primeiro período, assim como a queda vertiginosa no segundo, não impediu a evolução bastante favorável das exportações. De alguma forma o agronegócio conseguiu marcar sua posição e expandi-la no mercado externo, embora os preços não fossem atraentes. Nos últimos três anos, os preços mostram tendência de alta, sem que fossem recuperadas as marcas observadas nos anos 1990. Em boa parte da década de 1990, observa-se tendência de elevação moderada de preços que pode se dever ao crescimento da demanda mundial. No final do período, o crescimento dos preços parece associado à conjunção dos juros menores com o crescimento maior da renda.

Piracicaba, 18 de janeiro de 2006.

Figura 3. Índice de Preços de Exportação do Agronegócio – IPE-Agro/Cepea, 1989 –2005



Fonte: CEPEA/USP

IC-AGRO/CEPEA – Índice da taxa efetiva de Câmbio do Agronegócio Brasileiro

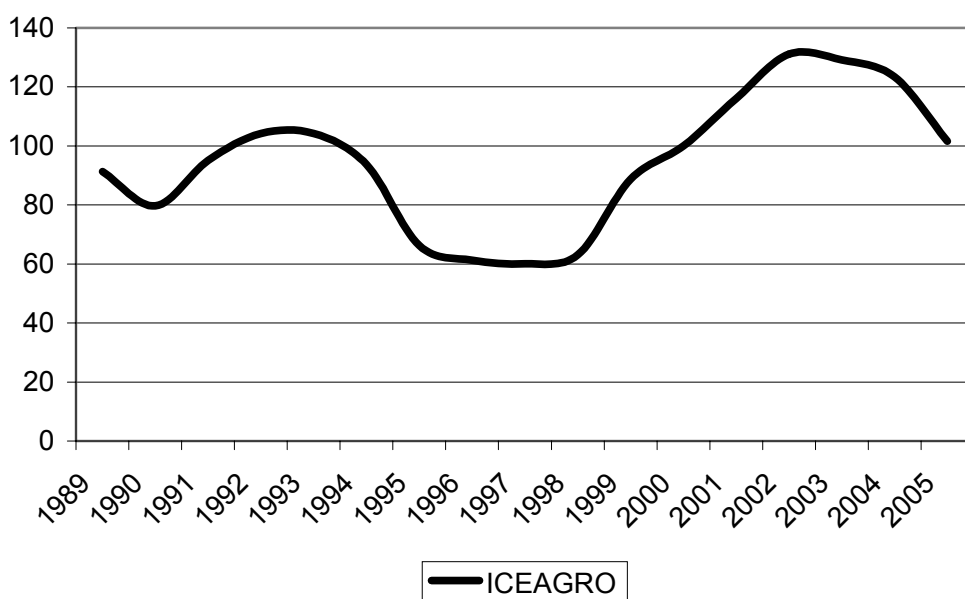
O IC-Agro/Cepea é o índice da taxa real de câmbio efetiva do agronegócio brasileiro. Representa a evolução da média ponderada das taxas de câmbio, em valores deflacionados, do Real em relação às moedas dos 10 mais importantes parceiros comerciais do Brasil nos últimos 5 anos (para outros anos a lista de países é diferente): Zona do Euro, Estados Unidos, China, Rússia, Reino Unido, Japão, Argentina, Chile, Coréia do Sul e México. A taxa efetiva de câmbio representa uma cesta de moedas estrangeiras em que o valor de cada uma é ponderado pelo peso relativo de cada país no comércio (de produtos do agronegócio) com o Brasil. A corrente comercial (soma de todas as exportações e importações, não apenas do agronegócio) foi utilizada para se determinar os principais parceiros comerciais do Brasil. Para o cálculo deste Índice, são coletadas informações mensais sobre os valores de câmbio e de inflação dos países listados acima. Consideram-se fontes páginas eletrônicas do FMI, do Banco Central do Brasil, do IPEA e os sites oficiais de estatísticas dos países de maior corrente de comércio de produtos do agronegócio com o Brasil.

A Figura 4 mostra que o Plano Real provocou intensa valorização da moeda nacional em relação às dos nossos parceiros comerciais. Isso representou grandes perdas para produtores nacionais do agronegócio. Isso se deveu basicamente às elevações recordes dos juros havidas nesse período. Somente a partir de 1999 – com a flexibilização cambial – esse fenômeno começou a se atenuar, sendo que, de 2001 a 2005, o Real atingiu um patamar de desvalorização superior ao que prevalecia antes do

Piracicaba, 18 de janeiro de 2006.

Plano Real. Note que no final do período ocorre valorização do Real, mas ainda nossa moeda mantém-se em níveis comparáveis àqueles anteriores ao Plano Real.

Figura 4. Índice da Taxa Efetiva de Câmbio do Agronegócio – IC-Agro/Cepea, 1989 –2005



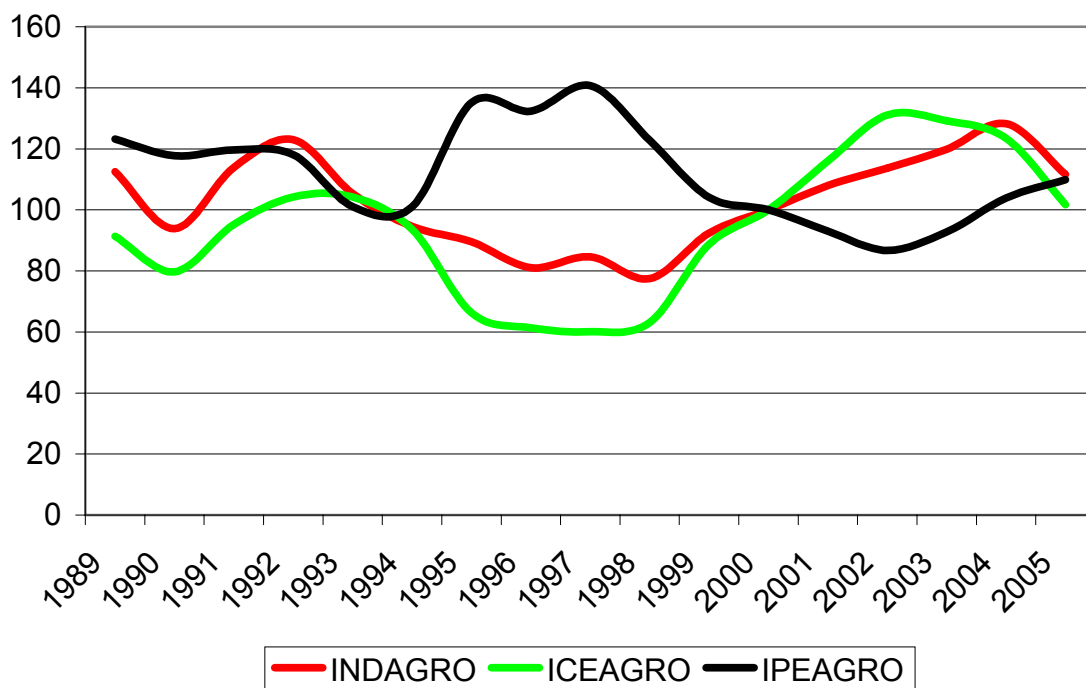
Fonte:CEPEA/USP

IAT-AGRO/CEPEA – Índice de Atratividade das Exportações do Agronegócio

O IAT-Agro/Cepea resulta da multiplicação dos dois índices anteriores. Assim, a atratividade das exportações pode crescer tanto porque os preços em dólares (IPE-Agro/ Cepea) cresceram como porque o Real desvalorizou em relação a outras moedas (IC-Agro/Cepea). Na Figura 5 aparecem esses três índices. Notamos que o IAT-Agro/Cepea sempre ocupa uma posição intermediária entre os demais. Ele sofreu grande queda após o Plano Real, conseqüência da valorização do Real não compensada pela alta dos preços internacionais. Após 1999, a desvalorização cambial mais do que compensa a queda de preços de modo que o IAT-Agro/Cepea mostra que a atratividade das exportações cresce a níveis comparáveis ao período anterior ao Plano Real. Este índice vem caindo recentemente por força da valorização do câmbio, mas, graças ao comportamento favorável dos preços em dólar, ainda aponta para um quadro mais favorável do que os piores anos da década de 1990.

Piracicaba, 18 de janeiro de 2006.

Figura 5. Indicadores de Atratividade (IAT-Agro/Cepea), de Câmbio (IC-Agro/Cepea) e de Preços (IPE-Agro/Cepea) de Exportação do Agronegócio –1989 –2005



Fonte: CEPEA/USP

IVE-AGRO/CEPEA – Índice de Volume de Exportações do Agronegócio

O IVE-Agro/Cepea mede o volume físico de exportações do agronegócio. Trata-se de índice que pondera o volume físico exportado de cada produto pelo seu valor unitário médio de 1989 a 2004. Para o seu cálculo, são coletadas informações do sistema AliceWeb, da Secex. Na Figura 6, percebemos que esse índice mais que quadruplicou no período enquanto o índice de atratividade (IAT-Agro/ Cepea) oscilou numa faixa relativamente estreita. Apenas no final do período, de 1999 até 2004, notamos uma melhoria no IVE-Agro/Cepea acompanhada por uma aceleração no volume exportado.

No entanto, não há como deixar de observar que o volume exportado vem crescendo consistentemente mais rápido do que a atratividade, o que permitiria duas conclusões alternativas: (a) o agronegócio estaria exportando cada vez mais apesar de ser menos lucrativa a exportação; ou dito de outro modo: o agronegócio tem de exportar mais porque o valor unitário recebido pelas exportações vem decaindo;

Piracicaba, 18 de janeiro de 2006.

(b) o agronegócio vem exportando mais embora a valor unitário venha caindo porque a produtividade do setor vem crescendo e, logo, os custos vêm diminuindo.

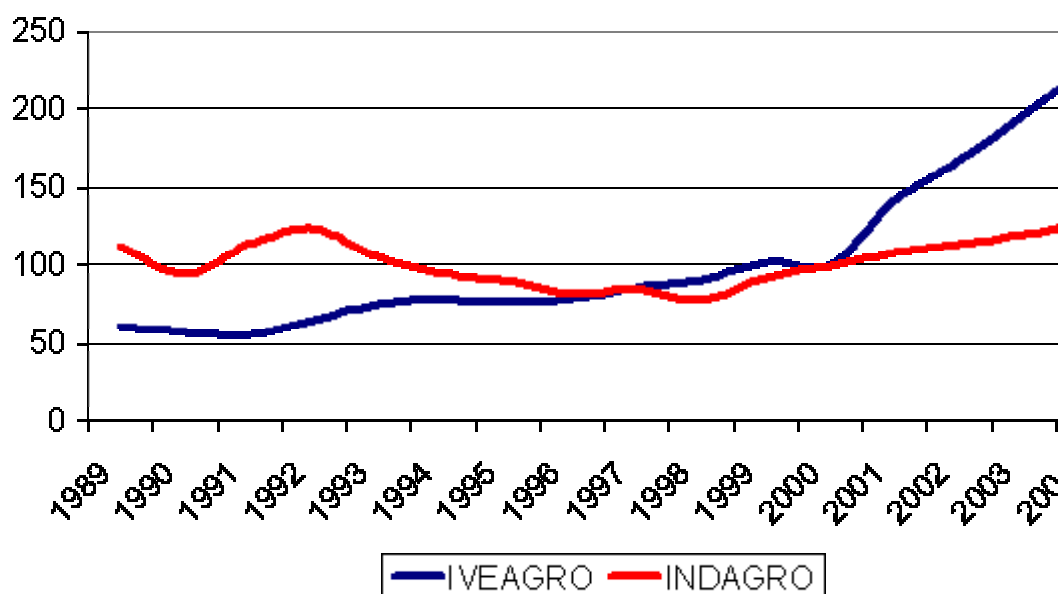
Qual dessas conjecturas é a verdadeira, dependeria de análises mais profundas; porém, evidências indicando que a produtividade da agropecuária nacional vem crescendo substancialmente nos últimos anos favoreceriam a segunda alternativa: as exportações crescentes podem estar associadas à lucratividade crescente.

Essas evidências acerca do comportamento da produtividade são apresentadas na figura 7, onde notamos que a produtividade total da agropecuária medida em relação ao total de fatores de produção (PRODT) cresceu quase 70% desde 1989. A produtividade parcial da terra agrícola (PRODP) teria crescido 40%. Essas informações sobre produtividade podem ser usadas para obter medidas de lucratividade: Lucratividade Total das Exportações (LUCRATT), resultado da multiplicação de IAT-Agro/Cepea por PRODT, e Lucratividade Parcial das Exportações (LUCRATP), em que se multiplica IAT-Agro/ Cepea por PRODP. Os resultados estão na figura 8, juntamente com as exportações físicas dadas por IVE-Agro/Cepea.

IVE-AGRO/CEPEA - Índice de Volume de Exportações do Agronegócio Observando-se a figura 8, notamos que, para o período para o qual há informações disponíveis, a correlação entre lucratividade das exportações e o volume exportado é positiva e elevada: 0,88 para a lucratividade parcial e 0,91 para a lucratividade total. Temos elementos para concluir, portanto, que o crescimento das exportações do agronegócio brasileiro deu-se dentro de limites permitidos por lucratividade e não sob pressão da necessidade de mais exportar para reduzir prejuízos. Essa lucratividade decorreu do comportamento dos preços em dólares e do câmbio, mas também da produtividade que o setor foi capaz de alcançar ao longo das duas últimas décadas.

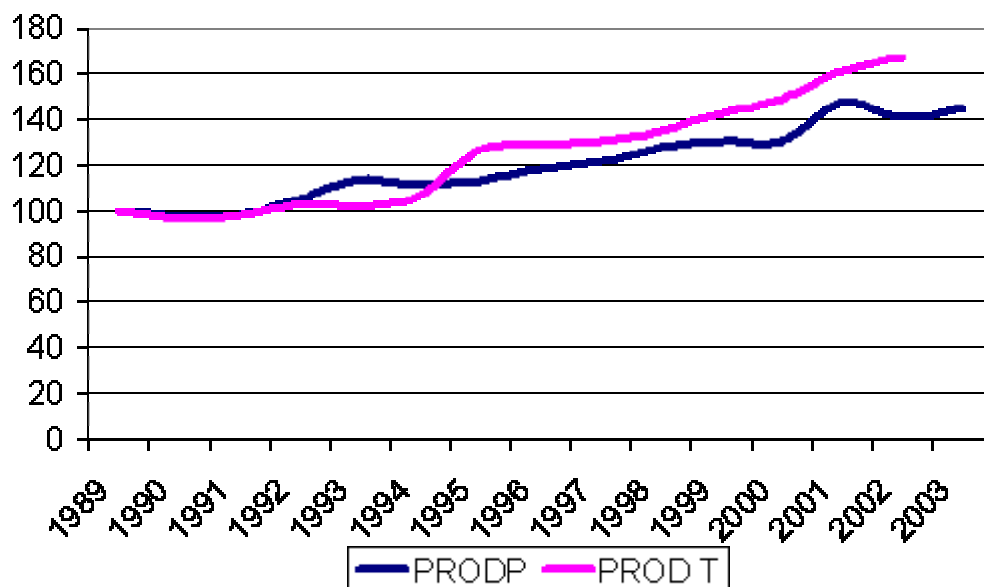
Piracicaba, 18 de janeiro de 2006.

Figura 6. Indicadores de Volume e de Desempenho de Exportações do Agronegócio (IVE-Agro/CEPEA e IAT-Agro/CEPEA) –1989 –2004



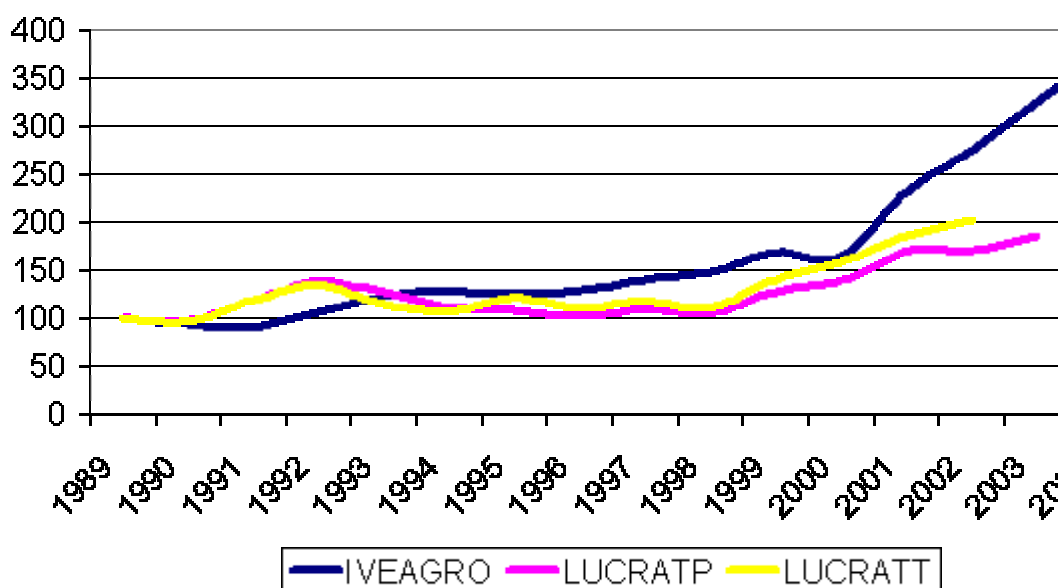
Fonte: CEPEA/USP

Figura 7. Indicadores de Produtividade Total e Parcial da Agropecuária, 1989-2003



Piracicaba, 18 de janeiro de 2006.

Figura 8. Índices de Lucratividade Total e Parcial das Exportações da Agropecuária, 1989-2003



Fontes: CEPEA/USP, IPEA

EQUIPE RESPONSÁVEL

Coordenador: Ph.D. Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Dr. Humberto Francisco Silva Spolador

Fabiana C. Fontana

Juliana B. Ferraz

Contatos: macrocepea@esalq.usp.br

19- 3429 8836 / 8837